

Cinqüentenário de falecimento
da Professôra Ana Jó

H O M E N A G E M

do ex-aluno

ADROALDO MESQUITA DA COSTA

à

querida e saudosa Mestre, figura
exponencial do magistério sul-rio-
grandense, falecida em 12.1.1916

1966



Professora Ana da Silva J6

RECORDANDO

Era no ano de 1903.

Eu frequentava o curso primário masculino do antigo "Colégio Distrital" desta cidade e tinha como mestre Cândido Alves de Oliveira — o "Professor Candoca" — como toda gente o chamava, enquanto o primário feminino dirigia-o a professora Adelaide Batista de Oliveira — a Dona Lalá — que gozava do merecido conceito de professora zelosa e eficiente.

O curso secundário compreendia três anos e suas três aulas eram mistas.

Lecionava o 1º ano a professora Ana Jó ou, para dar-lhe o nome completo, d. Ana da Silva Jó, uma das mais afamadas mestras do princípio deste século, em terras riograndenses.

À d. Maria Ophila Teixeira — a d. Picucha — hoje viúva major dr. Alcides Alves da Silva, a única sobrevivente do corpo docente daquele educandário, estava entregue o 2º ano, muito embora tivesse ela apenas 17 anos, pois com 15 havia completado o curso da extinta Escola Normal de Pôrto Alegre, com notas distintas.

O 3º ano tinha à frente o professor Antônio de Moura Monteiro, o qual, trinta e cinco anos depois, se aposentou como Diretor-Geral da Secretaria do Interior.

A direção do "Colégio" confiara-a o dr. Manoel Pacheco Soares, diretor da Instrução Pública, ao taquariense dr. Frankim dos Santos Faria Filho, engenheiro-agronomo formado na Bahia em 1880, onde defendeu tese, cujo tema foi "Sericultura" e na qual dissertou sobre as tres seções: Física, Veterinária e Engenharia.

A primeira abrange 15 proposições sobre Climatologia; a segunda, 13, sobre Arecção tarcinomiformosa e a terceira, 16, sobre Niveiamento longitudinal ou por perfil longitudinal.

Ensinava ele qualquer das matérias do terceiro ano, quando, por ausência, impedimento ou doença do professor, se tornava isso mister.

Posteriormente, foi ele nosso intendente municipal, de 1913 a 1921.

Meu pai me havia ali matriculado, por haver falecido, a 2 de junho de 1902, o mestre que me alfabetizara, o sempre lembrado professor Viriato Reis de Oliveira, nascido em Alegrete, mas taquariense de coração.

Lembro-me ainda, como se fôra hoje, de quando meu pai me levou à sua presença, para me matricular na escola que funcionava numa casinha de porta e duas janelas, à rua Sete de Setembro, contigua à nossa, à Praça São José. Mais tarde, a 5 de agosto de 1905, meu pai a adquiriu, por duzentos cruzeiros, à d. Maria da Glória Viana Paraná, viúva de Laurindo Paraná, e demoliu-a, por inabitável, incorporando o terreno no quintal da nossa.

Dera-me meu pai o "Primeiro Livro de Leitura", da série dos 5, de Felisberto de Carvalho, os quais acompanhavam o curso primário, ministrando noções

gerais sobre todas as disciplinas, desde o português, aritmetica, historia e geografia, ate a fisica e quimica, historia natural, higiene e educação civica.

Custava o livro 1\$500, o que fez o professor Viriato observar a meu pai :

"Seu Antonio, não seria melhor a "Cartilha" de João de Deus? Custa, apenas, 400 réis e, até que o menino aprenda a ler, alguns exemplares terão de ser comprados, porque a experiência me tem mostrado que as crianças estragam muito os livros, sujando-os e rasgando-os e, assim, o preço vai ficar bastante caro".

Explicou-lhe meu pai, ligeiramente, que razões o haviam levado a preferir os livros de Felisberto de Carvalho, quasi, entre outras, as de, através da leitura, ministrarem, desde logo e concomitantemente com o português, noções das outras disciplinas que integravam o curso primário.

Aquela observação do professor Viriato feriu-me o amor próprio e, intimamente, disse eu comigo:

"Pois hei de mostrar que, ao terminar este livro, ele há de estar tal qual está agora: limpinho e perfeito, sem uma só página marcada nem rasgada".

E cumpri à risca meu propósito.

Pus-lhe, de logo, uma boa capa, dispensei-lhe o máximo cuidado e não consenti em que nele se marcassem as lições, a risco de unha, tinta ou lápis, nem que lhe dobrassem as folhas. E, ao cabo de alguns meses, ao passar para o "Segundo Livro de Leitura", propiciei a meu pai a alegria de poder dizer ao saudoso mestre:

"Seu Viriato, aqui está o livro, novinho em folha. Meu filho não confirmou seu vaticínio".

Havia eu entrado para a escola do professor Viriato em fevereiro de 1901 e, dezesseis meses depois, a 2 de junho de 1902, o bom Deus o chamou para a sua glória e eu tive de mudar de escola.

Foi, então, que meu pai me matriculou no curso primário do "Colégio Distrital", na aula do professor Candoca, onde o ambiente era completamente diferente do da primeira escola e o número de alunos, quase o dobro.

O professor Candoca ensinava os alunos mais adiantados, deles cuidava e confiava-lhes o encargo de tomar as lições aos das outras classes e de lhes corrigir temas, ditados e cópias.

A falta de fiscalização direta do mestre e certa frouxidão na disciplina ali reinante despertaram-me a vadiagem e, a breve trecho, eu já não era o antigo aluno do saudoso professor Viriato, estudioso e cumpridor de meus deveres; não estudava as lições nem fazia as cópias marcadas ou, melhor, simulava fazê-las, rabiscando um *m* contínuo e imitando, assim, as palavras da cópia, nas páginas do caderno. O aluno da classe mais adiantada que me devia tomar a lição nem sempre era o mesmo e, via de regra, nós mesmos é que o escolhíamos. Conquistava-lhe, não raro, a condescendência, com uma rapadura ou um pacote de balas. E, assim, inúmeras rapaduras e muitos pacotes de balas me encobriram as faltas no cumprimento das obrigações de estudante: as lições que eu não sabia, porque não as estudava, e as cópias que eu não fazia, pois não mereciam tal nome as por mim apresentadas, por serem um rabisco contínuo, fingindo letras, com os piores garranchos do mundo.

Um dia, meu pai, que foi sempre muito zeloso e cioso na educação e instrução dos filhos, pediu-me cadernos e livros, para os examinar. Foi com temor e tremor que lhos entreguei.

Que cruel surpresa e que estupefação não deveria ter ele experimentado, ao passar os olhos sobre minhas cópias, temas e livros de leitura.

"Como pode ter isto acontecido!" — bradou ele numa explosão da mais justa coiera, ao testemunhar a desfaçatez de minha conduta. "Que garranchos! que proceimento o teu! como estas vacio! quanta desidia!" Estas foram algumas das muitas após-rotas que se seguiram num crescendo vertiginoso, bem pouco tranquilizador.

Parecia-me estar assistindo ao juizo final, no vale de Josafá.

Perante meu pai, nunca senti tanta vergonha de mim mesmo, como àquele instante, que, mercê de Deus, foi o último de meu proceder irregular de estudante.

Meu pai era homem de resoluções prontas e de execução imediata. Não deixava para amanhã o que podia fazer hoje.

No mesmo instante me mandou apanhasse livros e cadernos, tomou-me pela mão e seguimos os dois, sem dizer palavra, em direção ao "Colégio Distrital".

Como me batia o coração, durante aquele longo trajeto! Como estava pagando com juros a vadiagem de alguns meses!

Ali chegados, fomos direito à presença do Diretor, a quem meu pai exibiu os livros e cadernos que constituíam o auto do corpo de delito, e narrou-lhe, sécamente, quanto ocorrera, pedindo-lhe cancelasse

minha matrícula, porque me ia tirar do colégio, o que, efetivamente, fez, na mesma hora. E, sem perda de tempo, rumamos para o "Internato Santana", da ex-tinta educacionista d. Ana da Silva Jo, que lecionava o 1º ano Secundário do Colégio Distrital e, ao mesmo passo, dirigia aquele educandário, um dos mais conceituados de então e conhecido em todo o Estado.

Nêles estudaram, dentre muitos, Acelino Prates da Fonseca e sua irmã d. Nerina, espósa do Sr. Eucaris Brasil Milano; dr. Antão de Assis Brasil, clínico em Santo Angelo e seu irmão Amaro; dr. Mário de Assis Brasil, clínico em Pôrto Alegre e seus irmãos Olavo e Dina, todos de Alegrete; João Protásio e sua irmã Francisca — a Chiquinha — que este era o seu apelido, de São Jerônimo; Alfredo Fett e suas irmãs Antonieta, Carolina e Emília, de Lajeado; dr. Waldemar Castro e seu irmão Walau e Eduardo Côrtes Paixão, de Pôrto Alegre; Tomás Souza e seu irmão Antônio, das Minas do Leão, e tantos outros, cuja enumeração seria um nunca terminar de nomes, recordações e de saudades.

A vida mudou, então, completamente para mim, dando um giro de 180º no marcador.

As aulas eram de manhã e à tarde, das 8 às 12 e das 14 às 18 horas.

Regime de dois turnos, obrigatório para mim e sem remuneração extraordinária para a mestra.

De manhã, enquanto a professora Ana Jó ia dar aula, ao Colégio Distrital, tomava conta dos alunos, sua sobrinha, d. Maria Antônia Jó — a Dona Pichuca — que era outro perfeito exemplar de educacionista e mestra, tão cedo arrebatada pela morte. Dava-me as lições e, à tarde, eu passava pelo crivo do zelo e dedicação da professora Ana Jó.

12 —

O fato é que, graças a essas duas mestras, ao expediente de dois turnos e à rigorosa fiscalização de meu estudo e aproveitamento, em breve recuperei o que havia perdido e, ao cabo de dois anos, pude ingressar no 1º ano secundário do Colégio Distrital.

Meu pai não continha em si a alegria que experimentava com o progresso e recuperação do filho e a toda gente contava o que valia como educacionista e mestra a professora Ana Jó. E procurava, por isso, por todos os meios, testemunhar-lhe gratidão, por quanto havia feito por mim.

O dia de seu aniversário natalício era a 16 de setembro.

Deliberou meu pai promover-lhe, nessa data, pública e significativa manifestação de carinho e apreço.

Foi a Pôrto Alegre e encomendou ao Comendador Virgílio Calegari, então o fotógrafo número 1 da Capital do Estado, um bromuro, ampliação de ótima fotografia da mestra, que lhe fora confiada para a execução do trabalho.

A Arthur Pinto da Rocha, orador de fama, jornalista consumado, festejado homem de letras, político de destaque e do qual era amigo íntimo, narrou-lhe meu pai seu intento e pediu-lhe algumas linhas para o filho, menino de 10 anos, dizer no ato do oferecimento do retrato.

O literato insigne, na presilha do laço, puxou de uma tira de papel e, em belo bastardo, escreveu o discurso, cujo original ainda conservo.

Nesta cidade, além do veterano "O Taquariense", editava-se também na mesma tipografia "O Petit", o jornalzinho da rapaziada, publicado quin-

— 13

zenalmente e cuja assinatura custava 500 réis. Paleou Saraiva, seu criador, mantenedor e *fac totum*, era o responsável por ele e por tudo quanto nêles se publicasse.

O número 61, de 11 de setembro de 1904, Ano IV, estampou meu convite aos colegas colegiais e às pessoas de amizade para se reunirem no dia 10, às 2 horas da tarde, no escritório de "O Petit", à Praça São José nº 9, a fim de, ali reunidos, irmos incorporados cumprimentá-la.

Taquari acudiu em péso à festa, que decorreu às mil maravilhas.

O número seguinte de "O Petit", de 25 de setembro, deu pormenorizado noticiário, do qual se vê que duas bandas de música — a da então Vila de Santo Amaro, que viera trazer sua solidariedade à justíssima homenagem que se promovia, e a filarmônica local — a *Euterpe Taquariense* — abrilhantaram o préstio que foi levar à residência da querida mestra o testemunho da estima que o povo taquariense lhe tributava.

Inácio José da Silva — o seu Inacinho — era o agente da Navegação Arnt do pôrto desta cidade e compadre da professora Ana Jó, a qual lhe batizara a única filha, de nome Camila. Chegara tardiamente à festa, marcada para às 2 horas da tarde e realizada com pontualidade. Desculpou-se cortêsmente com o fato de se haver atrasado o vapor de Pôrto Alegre, devendo ele, como agente, estar presente à chegada. À época, os vapores partiam da Capital às 7 e aqui aportavam às 16 horas e até mais tarde.

Eram o "Monarca", o "Gaúcho", o "Teotônia", o "Caçador", o "Venâncio Aires", o "Boa Esperan-

14 —

ça", o "Encantado", o "Taquara", o "Taquari", o "Boa Vista" e, mais tarde, o "Brasil", encomendado à Alemanha em 1905 e que fez a primeira viagem para esta cidade a 30 de setembro de 1906.

Quem diria que aquela empresa, que, em 1940, possuía 51 embarcações, com 1.010 toneladas, estaria hoje reduzida a menos da metade!

Minha velha mestra narrou-me, com pormenores, tudo como havia ocorrido. Disse-me de meu auscuto, enojou o modo como eu o havia dito e depiorou que ele não o tivesse ouvido.

Seu Inacinho, por sua vez, lastimou o atraso, explicando que seus atazeres e que ine haviam impossibilitado o comparecimento a tempo.

A professora Ana Jó ouviu-o com atenção, baixou a cabeça como que a meditar e, de repente, sem qualquer explicação, tomou-me pela mão e disse-me *ex abrupto*:

"Venha cá, compadre Inacinho".

Por ela guiados, seguimos os três, até ao quarto, dormitório dos meninos, uma das poucas peças do velho casarão que não haviam sido invadidas pelo povo que ali acorrera, àquele dia, em franca expansão de alegria e em testemunho de respeito e gratidão.

"Repita aqui o discurso, para o compadre Inacinho ouvir", ordenou-me, com voz forte e imperiosa.

Surpreendido, mas todo compenetrado e faceiro, disse o discurso, com o mesmo entusiasmo de três horas antes e, quiçá, em mais perfeita forma, por se tratar, já agora, de segunda edição, correta, porém não aumentada.

Foi o meu primeiro discurso.

— 15

Hoje, que sôbre o fato já se passaram 55 anos, venho reverenciar a memória da mestra veneranda que tanto dignificou o magistério por ela exercido como verdadeiro sacerdócio, a que não faltaram acerbos sacrifícios nem mesquinhas perseguições políticas; venho exaltar-lhe a forte personalidade e o generoso coração, pleno de carismas, que distribuía, a mancheias, aos seus alunos; venho, proclamá-la uma das grandes beneméritas de nossa terra, do nosso querido Taquari e recordar, com saudade, aquêlo tempo, êsse tempo que o autor do "Ateneu" asseriu ser "a ocasião passageira dos fatos e o funeral para sempre das horas" . . .

Passaram os fatos; morreram as horas; só a saudade ficou.

Taquari, 16-IX-1959.

Adroaldo Mesquita da Costa

1) Publicado no «Correio do Povo» de 18 de setembro de 1959.

HOMENAGEM

O jornal "O Petit" de 11 de setembro de 1904, que se publicava em Taquari, nº 61, Ano IV, inseriu o seguinte:

Convite

Adroaldo Mesquita da Costa, desejando manifestar sua gratidão a exma. sra. d. Ana da Silva Jó, professora do Colégio Distrital desta Cidade, pede o obséquio aos seus colegas colegiais, especialmente aos do Internato Sant'Ana, e mais pessoas de amizade da mesma exma. senhora, de se reunirem sexta-feira, 16 do corrente, às 2 horas da tarde, no escritório d' "O Petit", à Praça S. José nº 9, a fim de, ali reunidos, irem incorporados cumprimentá-la.

Adroaldo Mesquita da Costa

E o mesmo jornal, a 25 de Setembro de 1904, nº 62, assim noticiou o acontecimento:

D. Ana Jó

Estêve imponente o festejo do aniversário da exma. sra. d. Ana da Silva Jó diretora do "Internato Sant'Ana" desta cidade.

Às duas horas da tarde, uma ala de moças e crianças de ambos os sexos, puxada pela banda musical da vila de Santo Amaro, dirigiu-se ao nosso

escritório, onde já se achavam incorporados os alunos de diversos colégios e a banda de música *Euterpe Taquariense*.

Desta redação seguiram para a residência do Sr. tenente-coronel Antônio Porfírio da Costa, promotor da manifestação, a fim de tomarem o magnífico retrato a bromuro, que o jovem Adroaldo Mesquita da Costa ofertava àquela distinta educacionista.

Acompanhados também da banda musical *Euterpe Taquariense*, marchou o cortejo para a casa da homenageada.

Ali chegados, saudou-a, ofertando aquêle retrato, o inteligente jovem Adroaldo Mesquita que, em entusiasmadas palavras, enalteceu as virtudes de sua dedicada professora.

A simpática jovem Ana Jô Sobrinha, em eloqüente discurso, agradeceu pela homenageada a imponente e significativa prova de apreço que acabava de receber.

Convidados os manifestantes a entrar, foi-lhes servida abundante mesa de doces e líquidos.

A noite, improvisou-se animado sarau, que se prolongou até à madrugada.

Terminando, cabe-nos nestas linhas apresentar à exma. sra. d. Ana Jô os nossos parabéns pela brilhante e merecidíssima manifestação de que foi alvo, justo penhor tributado por seus alunos, que tão belos ensinamentos lhe devem.

NOTAS BIOGRAFICAS

Filha de Ricardo Bernardo Jô e Marina Rodrigues Jô, nasceu d. Ana da Silva Jô em São Jerônimo, em 16 de setembro de 1854.

Diplomou-se em 1881, na antiga Escola Normal de Porto Alegre.

A 20 de fevereiro de 1882, foi nomeada interinamente, pelo Vice-Presidente da Província, no exercício da Presidência, Dr. Joaquim Pedro Soares, para reger a 1ª aula isolada feminina, na vila de São Jerônimo, com os vencimentos anuais de 1.500\$000.

Por deliberação de 7 de fevereiro de 1883, do Presidente da Província, Conselheiro Dr. José Antônio de Sousa Lima, depois Barão de Souza Lima, passou a efetiva, por haver sido aprovada, em primeiro lugar, no concurso para provimento dessa aula.

Em 17 de dezembro de 1891, o Governador Provisório, General Reformado Domingos Alves Barreto Leite, considerou-a vitalícia, por lhe aproveitar o disposto nos artigos 90 e 91 do Regulamento da Instrução Pública então em vigor.

Casou-se, em São Jerônimo, com Olivério Antônio Ramos, de cujo consórcio não houve descendência.

A 10 de julho de 1894, foi removida por conveniência do ensino, como se lê na Portaria assinada

pelo Secretário do Interior, Dr. Possidônio Mâncio da Cunha Júnior, em 13 de abril, da cadeira do sexo feminino, da vila de São Jerônimo, para a mista de Pedro Teixeira, no Povoado Júlio de Castilhos, na Serra de Taquari.

Não aceitou a transferência, que atribuiu a perseguição política, por pertencer o marido ao Partido Federalista, que detragara a Revolução de 1893 e, por isso, requereu avulsão e, a seguir, abriu aula particular, em São Jerônimo.

Seus conterrâneos intervieram junto ao Governor e o Secretário do Interior, Dr. João Abbott, lhe concedeu a reversão e transferiu-a a 4 de dezembro de 1894, para a aula mista da vila de São Jerônimo.

A 1ª de janeiro de 1895, teve aumento de 20% sobre os vencimentos e, a partir de 2 de fevereiro de 1897, passou a perceber 1.680\$000 anuais.

A 17 de março de 1898, o Presidente Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros nomeia-a efetiva da 1ª aula feminina de 1ª entrância, na vila de São Jerônimo e, a 8 de fevereiro de 1900, por acesso, da 4ª aula mista, de 2ª entrância, localizada no porto da cidade de Taquari.

A 25 de fevereiro de 1902, pelo mesmo Presidente, é nomeada efetiva para a classe complementar feminina do Colégio Distrital da mesma cidade.

A 14 de junho de 1906, pelo Dr. Protásio Alves, Secretário do Interior, é designada para a 3ª escola masculina de 2ª entrância do mesmo Colégio.

De 20 de novembro de 1908 em diante, passou a perceber a gratificação da 4ª parte dos vencimentos, ou sejam mais 540\$000 anuais, por ter completado 25 anos de serviço efetivo.

A 1ª de janeiro de 1911, passou a perceber os vencimentos anuais de 2.244\$000.

Pelo Decreto n° 1.706, de 1º de março de 1911, foi criado o Colégio Elemental de Taquari e na mesma data, o Secretário do Interior, Dr. Protásio Alves, designou-a para nêle reger a 2ª Classe feminina.

Por sua sugestão, "O Taquariense" de 27 de fevereiro de (1915), na seção "Cousas municipais", que eu, com o pseudônimo de Rui Marçal, ali mantinha, lembrou se desse ao Colégio Elemental o nome de Antônio Alvares Pereira Coruja, que havia sido um dos seus mestres mais ilustrados e cuja memória ela cultuava com suma veneração e carinho.

Ali escrevi, então:

"Ruas temos, cujos nomes nada significam. Do mesmo modo o nosso Colégio Elemental esta ai sem batismo. Enquanto todos os outros congêneres do Rio Grande do Sul possuem nomes que relembram vidas abnegadas, tôdas elas entregues de corpo e alma à educação da juventude estudantil, o Colégio Elemental desta cidade permanece sem um nome que sirva de farol, de guia e de estímulo aos que ali vão beber os ensinamentos da ciência.

Lembramos, por isso, o nome de Alvares Coruja, um dos mais antigos e devotados educacionistas que possuiu o nosso Estado, para honrar o frontispício daquela casa.

Ele, que foi um indefesso propagador das letras e ciências, que consagrou os seus melhores dias no alevantamento moral e intelectual do Rio Grande, bem merece de nós, taquarienses, essa justa e derradeira homenagem.

Ao povo desta terra apresentamos esta idéia".

O Governo anuiu á idéia. Em 16 de maio de 1952, ao criar a Escola Normal na cidade de Taquari, pelo Decreto Estadual n° 3.033, deu-lhe o nome de "Pereira Coruja", e sua Escola Primária, nos termos da legislação vigente, passou a constituir o "Grupo Escolar Pereira Coruja."

O Decreto Estadual de n° 9.666, de 20 de novembro de 1958, por mim referendado, quando Secretário da Educação, deu o nome de "Professora Ana Jó" ás Escolas Reunidas de Coqueiros, no município de Taquari.

E, de 15 de fevereiro de 1913 em diante, passou a professora Ana Jó a perceber 2.400\$000 anuais, enquanto estivesse em comissão, como sua Diretora, cargo que exerceu até ao último dia de seu magistério.

Faleceu em São Jerônimo, em 12 de janeiro de 1916.

É patrona da biblioteca do Grupo Escolar Pereira Coruja.

NECROLÓGIO

"O TAQUARIENSE" de 15 de Janeiro de 1916, n° 1.483, publicou o seguinte:

D. Ana Jó

Na vila de S. Jerônimo, para onde seguira há perto de dois meses em procura de lenitivo a seus padecimentos, faleceu quinta-feira, 12 do corrente, à 1 ½ da madrugada, a veneranda senhora d. Ana da Silva Jó, digna esposa do nosso amigo capitão Olivério Antônio Ramos e proventa e competente diretora do Colégio Elementar desta cidade.

A população de Taquari recebeu com a mais profunda mágoa a notícia do falecimento da distinta senhora que, vítima de cruel moléstia para debelar a qual foram improficuos todos os recursos médicos e extremos e carinhos da família, desaparece para sempre, quando tantos serviços podia prestar à nossa sociedade, na sua nobre missão.

Professora normalista, diplomada pela antiga Escola Normal da Capital do Estado, exerceu d. Ana Jó o magistério público pelo longo espaço de 34 anos.

Exercia na vila de S. Jerônimo, sua terra natal, a regência de uma Aula Pública, quando foi, a seu pedido, transferida para esta cidade, onde pouco tempo esteve na regência da Aula Pública do Ria-

cho, pois, instalado o Colégio Distrital desta cidade, foi nomeada professora de uma de suas cadeiras, tendo exercido aqui, por espaço de mais de quinze anos, com proficiência e dedicação pouco comuns, a árdua missão de educadora da mocidade.

Muitas senhoras que hoje exercem o magistério público receberam lição da veneranda extinta, que fazia do magistério um sacerdócio, desempenhado sempre com entusiasmo e exato cumprimento de deveres.

Nomeada diretora do Colégio Elementar, criado nesta cidade em substituição ao Colégio Distrital, tudo envidava a distinta professora para que o instituto de ensino confiado à sua criteriosa e competente direção correspondesse aos fins utilísimos para que tinha sido criado, imprimindo-lhe marcha segura e firme, nada descuidando, cumprindo à risca o regulamento, quer no ensino intelectual das crianças, quer despertando-lhes os sentimentos cívicos com a comemoração das grandes datas nacionais.

Na vida social, muito deve Taquari à distinta senhora, pois nunca os seus serviços foram reclamados, que não a encontrassem sempre pronta a concorrer, com verdadeiro entusiasmo, para o engrandecimento moral e material desta terra, que não era sua, mas onde exercitava sua nobilíssima missão cercada do respeito e da estima de uma população inteira.

Estimada e acatada pela população taquariense, não se esquecia d. Ana Jó da sua terra natal, que amava com entranhado afeto, e lá também, como nesta cidade, é geral a mágoa e o pesar que o seu passamento desperta.

A sua ação social trazia-lhe amizades inúmeras, que se traduziam em carinhosas demonstrações de afeto nos dias de seu aniversário natalício, em que todos à porfia iam levar-lhe, com custosas ou modestas lembranças, os votos sinceros da gratidão e da amizade, pelo prolongamento de sua preciosa existência.

Impondo-se à estima e consideração de todos, no seu leito de fúndas e dolorosas agonias, inúmeras foram as pessoas que iam levar-lhe o consolo de uma palavra amiga e os votos sinceros que elevavam a Deus para vê-la de novo restabelecida, exercendo na sociedade a sua nobilitante missão.

"O Taquariense" rende nestas linhas as homenagens de seu pesar pelo passamento da malograda senhora e apresenta ao seu digno espóso, nosso amigo Olivério Ramos, sinceras condolências.

— A notícia nos foi comunicada no seguinte telegrama:

"Comunico-vos infausto passamento benemerita d. Ana Jó, cuja perda deploro como taquariense, independente vínculos família. Menezes Costa".

— Ao ser conhecida nesta cidade a dolorosa notícia, foi arvorada no Colégio Elementar a bandeira nacional a meia haste.

— As cerimônias do sepultamento da veneranda senhora realizaram-se na Vila de S. Jerônimo, às 2 ½ da tarde de quinta-feira, saindo o féretro da casa mortuária (residência do Sr. Angelo Rêgo), para a Igreja Matriz, onde foi entoado *Requiem solenne* pelos Revmos. Padres Antônio Berenguer, vigário interino daquela Paróquia, e Alfredo Gonçalves de Moura, nosso pároco, que ali se achava em

visita à extinta, tendo comparecido às cerimônias fúnebres Exmas. senhoras e cavalheiros, tocando, durante o trajeto, sentidas marchas fúnebres a banda musical do Triunfo.

Grande número de coroas cobriam o atúde.

Ao baixar o corpo à sepultura, o nosso amigo Adroaldo Mesquita da Costa, 4º anista de direito, representante desta fôlha e do Colégio Elementar, pronunciou belíssima e comovente oração fúnebre, salientando o alto papel desempenhado por d. Ana Jô na educação da mocidade riograndense, terminando com as palavras seguintes:

Proficiscere anima chistiana!

Parte, alma cristã, certa de que os lábios dos milhares de alunos que tu guiaste no caminho da ciência e no santo temor de Deus, ficarão aqui nesta terra a murmurar preces pela tua glória lá no céu, aos pés do Deus Onipotente!